

MARY, Anne. A RELAÇÃO ENTRE JEAN-PAUL SARTRE E GABRIEL MARCEL: “O PONTO DE DIVERGÊNCIA É MESMO A QUESTÃO DE DEUS”¹

Anne Verdure-Mary.
annelaurencemary@yahoo.fr

Sobre a Autora: é autora de uma tese na École Nationale des Chartes sobre “Gabriel Marcel et le théâtre” (2002), e de uma tese de doutorado pela Paris IV-Sorbonne, publicada, em 2015, pela Champion, intitulada: Drame et pensée. La place du théâtre dans l’œuvre de Gabriel Marcel. Ela atua como conservadora no departamento de manuscritos da BNF (Bibliothèque Nationale de France), sendo, pois, responsável por diversos fundos de arquivos, mais, notadamente, acerca de Gabriel Marcel, Edmond Jabès, Max Jacob, Jean-Paul Sartre e Simone de Beauvoir. Entre seus artigos principais sobre Marcel, ainda se destacam: “L’esthétique dramatique de Gabriel Marcel. Recherche d’une cohérence”, em Théâtre et incarnation chez Gabriel Marcel, actes de la journée d’études à L’Institut de France, Paris, 19 janvier 2002. Paris, Présence de Gabriel Marcel, 2002, p. 23-44; “La mort, tremplin de l’espérance absolue”, dans Diaspora marcellienne, Paris, Présence de Gabriel Marcel, 2005, p. 13-24; “La genèse de L’Iconoclaste de Gabriel Marcel”, em Genesis: manuscrits, rec herbe, invention. Revue internationale de critique génétique, n° 29, 2009, p. 115-126; “De la correspondance au ‘journal de bord’: le dialogue dans l’écriture théâtrale et philosophique de Gabriel Marcel”, em Genèse et correspondances, (Org. Françoise Leriche et Alain Pagès), 2012, p. 175-189; “Les rapports de Jean-Paul Sartre et de Gabriel Marcel: ‘le point de divergence, c’est le fait même de Dieu’”, dans La Revue de la BnF, n° 48, novembre 2014, p. 52-63; “Un salon philosophique au XXe siècle : les vendredis de Gabriel Marcel 21 rue de Tournon dans le VIe arrondissement”, no Bulletin de la Société historique du VIe arrondissement de Paris, n° 27, 2014, p. 91-107 e “La réception de Paul Claudel par Gabriel Marcel. Entre admiration et réticence”, dans Bulletin de la Société Paul Claudel, 2015-3, n° 217, p. 55-63.

Tradução de Luíza Helena Hilgert
luizahilgert@hotmail.com

Sobre a Tradutora: Doutora em Filosofia pela Unicamp/ Bolsista Fapesp na linha de pesquisa História da Filosofia Contemporânea. Mestre e licenciada em Filosofia pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE. Tem experiência em pesquisa sobre Filosofia e seu ensino e em História da Filosofia Contemporânea. Principais autores pesquisados: Sartre, Heidegger, Husserl, Beauvoir, Camus, Merleau-Ponty. Principais áreas de interesse: Ontologia, Fenomenologia, Filosofia contemporânea, Feminismo, Existencialismo, Filosofia francesa, Literatura e Filosofia, Ficção e Filosofia. É membro do GT Filosofia Francesa Contemporânea e do Groupe d’Études Sartriennes - GES (França). Atualmente é pós-doutoranda em Filosofia na UFSCar/FAPESP.

DOI: [10.25244/tf.v13i3.1247](https://doi.org/10.25244/tf.v13i3.1247)

Recebido em: 15 de dezembro de 2019. Aprovado em: 15/12/2019

¹ No original francês: VERDURE-MARY, Anne. "Les rapports de Jean-Paul Sartre et de Gabriel Marcel: 'le point de divergence, c'est le fait même de Dieu'", in Revue de la BNF 2014/3, Paris (n° 48), p. 52-61.



**MARY, Anne. A relação entre Jean-Paul Sartre e Gabriel Marcel:
“O ponto de divergência é mesmo a questão de Deus”**

Tradução de Luíza Helena Hilgert

O estudo desta carta inédita, escrita em 1943 por Jean-Paul Sartre a Gabriel Marcel, conservada na Seção NAF² 28348 no Departamento de Manuscritos da Biblioteca Nacional Francesa (BNF), permite conhecer a evolução da relação entre os dois filósofos e dramaturgos. Apesar dos evidentes pontos comuns – a primazia da existência e a noção de “situação” –, a divergência acerca da concepção de transcendência se intensifica, tornando o diálogo impossível.

Gabriel Marcel e Jean-Paul Sartre são, com frequência, apresentados em oposição: um filósofo existencialista cristão contra um filósofo ateu, ambos igualmente dedicados à escrita dramática. Ainda que isso não seja totalmente falso, certamente é insuficiente: nenhum dos dois realmente escolheu o rótulo *existencialismo* com o qual foram vinculadas as suas obras; além disso, a diferença geracional entre os dois desqualifica esse paralelismo reducionista. Gabriel Marcel nasceu em 1889 e alcança notoriedade quando Sartre ainda é apenas um estudante. A carta que Sartre lhe endereça em 1943 é a de um jovem aspirante que acaba de iniciar seu trabalho para alguém mais experiente, já bem inserido nos meios literários e filosóficos da época.

SITUAÇÃO DOS DOIS AUTORES EM 1943

Desde a publicação do *Diário metafísico* (*Journal métaphysique*), em 1927, Gabriel Marcel é um filósofo reconhecido³. Sua conversão ao catolicismo em 1929, tendo como padrinho François Mauriac, o inscreve de imediato em um “campo”, o dos intelectuais católicos. Publicou em 1914 duas peças de teatro: *A graça* (*La Grâce*) e *O castelo de areia* (*Le Palais de sable*), na coletânea intitulada *O limiar invisível* (*Le seuil invisible*), seguidas de várias outras peças, dentre as quais: *Quarteto em fá sustenino* (*Le Quatuor en fa dièse*), em 1920; *O coração dos outros* (*Le Coeur des autres*), em 1921; *O iconoclasta* (*L'Iconoclaste*), em 1923; *A capela ardente* (*La Chapelle ardente*) e *Um homem de Deus* (*Un homme de Dieu*), em 1925... Em 1933, Marcel conjuga os dois principais aspectos da sua obra – filosófico e dramático – publicando a peça *Mundo partido* (*Le Monde cassé*), seguido do ensaio *Posição e aproximações concretas do mistério ontológico* (*Position et approches concrètes du mystère ontologique*)⁴. A obra filosófica de Marcel ascende, logo após, com a publicação de *Ser e ter* (*Être e Avoir*) em 1935⁵ e, em 1940, *Da recusa à invocação* (*Du refus à l'invocation*)⁶. Apesar da dedicação ao teatro – que constitui de fato seu principal interesse – Marcel permanece considerado, antes de tudo, como filósofo.

2 A sigla NAF se refere às Novas aquisições francesas (*Nouvelles Acquisitions Françaises – NAF*), obras adquiridas após 1899. O acervo que hoje compõe a Biblioteca Nacional Francesa – BnF (*Bibliothèque Nationale Française – BnF*) começa a ser formado por Charles V, no século XII; expande em 1537 com a lei do depósito legal, que obriga que uma cópia de todo livro produzido seja depositada na biblioteca real; mas o verdadeiro desenvolvimento aconteceu a partir de 1666 quando uma política de crescimento foi empreendida por Colbert com a ambição de transformar a biblioteca real em instrumento da glória de Louis XIV. (Nota da tradutora.)

3 Paris, Gallimard, 1927.

4 Paris, Desclée de Brouwer, 1933.

5 Paris, Aubier, 1935.

6 Paris, Gallimard, 1940.

**MARY, Anne. A relação entre Jean-Paul Sartre e Gabriel Marcel:
“O ponto de divergência é mesmo a questão de Deus”**

Tradução de Luíza Helena Hilgert

Em 1943, ao enviar esta longa missiva a Marcel, Jean-Paul Sartre acabava de publicar *O ser e o nada*: ensaio de ontologia fenomenológica⁷. Anteriormente, em 1936, Sartre publicara, notadamente, um primeiro ensaio filosófico, *A imaginação*⁸; em 1938, *A náusea*⁹; em 1939, a coletânea de contos *O muro*¹⁰ e, em 1942, sua primeira peça de teatro, *As moscas*. Os dois têm inegáveis pontos em comum: ao mesmo tempo filósofos e dramaturgos, se interessam pela fenomenologia e pela filosofia da existência. Uma ligação entre ambos parece inevitável, bem como o debate, que não é apenas possível, mas, certamente, propício.

OS PRIMEIROS CONTATOS ENTRE OS DOIS FILÓSOFOS

Em 1943, é um filósofo cujo pensamento é já bem conhecido que escreve a um antecessor, ele próprio igualmente reconhecido, e que o visitou em sua casa várias vezes por ocasião de reuniões filosóficas: o diálogo entre os dois não estava no começo. Gabriel Marcel, com efeito, a partir de 1934, tomou por hábito reunir na sua casa, às sextas-feiras, os estudantes de filosofia a fim de proporcionar a ocasião de fazer emergir um pensamento vivo e uma esfera acolhedora entre os jovens que se preparavam para a agregação¹¹. As anotações dos encontros, feitas por Jacqueline Marcel, esposa de Gabriel Marcel, permitem conhecer quem participava dessas “reuniões” e quais temas eram abordados. Notórios filósofos também tomaram parte dessas atividades. É assim que sabemos que Sartre fez uma exposição na casa de Gabriel Marcel numa sexta-feira, em 25 de junho de 1938 e que ali retornou no ano seguinte, na sexta-feira do dia 23 de junho de 1939: “Retomamos a apresentação de Sartre sobre o juramento (*le serment*), no encontro do sábado à noite, 10 de junho, aqui”¹². Sartre nunca comentou sua ligação com Gabriel Marcel e nem aludiu à sua presença às sextas-feiras, ainda que, claramente, tenha comparecido a pelo menos duas delas¹³. Foi, portanto, estabelecido um diálogo, que Sartre reconhece ao atribuir a Marcel a ideia de “realizar uma descrição fenomenológica do viscoso”: “Eu creio também que a sua frase [...]: ‘seria interessante procurar realizar uma descrição fenomenológica do viscoso’ não é estranha à escolha que fiz deste exemplo para ilustrar o método psicanalítico que proponho, ainda que, no momento próprio da escolha, eu não tivesse me dado conta”¹⁴. Essa conversa, provavelmente, aconteceu antes da guerra, em 1938 ou em 1939, na época em Sartre frequentava a casa de Marcel na Rua Tournon. A partir de 1940,

7 Paris, Gallimard, 1943.

8 Paris, Alcan, 1936.

9 Paris, Gallimard, 1938.

10 Paris, Gallimard, 1939.

11 A agregação (*agrégation*) é uma etapa de excelência no recrutamento de professores, seja de nível secundário ou superior. No ensino superior é equivalente ao nível, no Brasil, professor adjunto; o concurso é aberto aos candidatos detentores de título de doutor, normalmente com experiência como *maître de conférence*, equivalente no Brasil ao título de professor associado. (Nota da tradutora.)

12 BNF, Manuscrits, NAF 28349, caixa n° 108. Relato de Jacqueline Marcel.

13 Denis Bertholet destaca, em seu livro *Sartre* (Paris, Plon, 2000), a presença de Sartre na sala de Gabriel Marcel e, notadamente, sua apresentação sobre o juramento (*le serment*), exposição a qual Raymond Aron teria respondido na semana seguinte (p. 192 e *sq.*). Maurice de Gandillac também comenta essa reunião em *Le Siècle traversé. Souvenirs de neuf décennies*, Paris, Albin Michel, 1998, p. 211.

14 BNF, Manuscrits, NAF 28349 (*Fundo Gabriel Marcel*). Carta de Jean-Paul Sartre a Gabriel Marcel, 1943.

**MARY, Anne. A relação entre Jean-Paul Sartre e Gabriel Marcel:
“O ponto de divergência é mesmo a questão de Deus”**

Tradução de Luíza Helena Hülger

o filósofo cristão deixa Paris por Montpellier, depois Le Peuch, em Corrèze (julho de 1941), onde permanece até 1943.

As primeiras análises de Gabriel Marcel sobre a obra de Sartre são muito positivas: ele se entusiasma com o talento do jovem autor a partir da leitura da coletânea de contos *O muro*¹⁵ e, em 1943, consagra várias crônicas à peça *As moscas*¹⁶. Pouco a pouco, contudo, emerge a distância entre ambos e, Marcel, embora reconhecendo o brilhantismo de Sartre, lança, cada vez com mais frequência, dúvidas quanto aos fundamentos da sua filosofia. Em 1944, é publicada a crítica sobre *O ser e o nada*¹⁷, retomada no ano seguinte no livro de Gabriel Marcel, *Homo viator*¹⁸.

A EVOLUÇÃO DA RELAÇÃO ENTRE OS DOIS AUTORES

Depois da guerra, ao passo aumentava o engajamento político de Sartre, um desequilíbrio flagrante marca a relação entre os dois filósofos. Sartre rapidamente se distancia deste filósofo de direita um pouco inclassificável, que frequenta ao mesmo tempo eclesiásticos, intelectuais de todas as vertentes e pessoas do mundo. Abstém-se de toda menção a este filósofo do qual se afasta, a não ser para situá-lo em um movimento de pensamento adverso¹⁹. Por outro lado, Marcel jamais parou, sobretudo nas suas críticas dramáticas, de ler as obras de seu colega mais jovem e de interessar-se por elas, embora posicionando-se contrário em relação à visão da existência que elas apresentam. A opinião os antagoniza qualificando Marcel como o existencialista cristão e Sartre como o representante do existencialismo ateu.

Os dois autores expressam noções comuns que poderiam aproximá-los: a primazia da existência, a importância da noção de situação. Mas a orientação religiosa de Marcel e o ateísmo de Sartre são incompatíveis, assim como suas posições políticas. Apesar dos posicionamentos contrários, Marcel, na sua vontade de permanecer justo, escreve uma carta a Sartre em 1946, depois da publicação de um artigo do crítico Jean-Jacques Gautier sobre a peça *Mortos sem sepultura*. Embora reconheça não ter apreciado a peça, Marcel se volta contra os ataques direcionados a Sartre, ataques que julga muito partidários: “Há, com toda evidência, elementos muito fortes na sua obra; a incapacidade com a qual os críticos parecem julgar ou diminuir sua apreciação me confunde e me indigna”. Marcel propõe que se encontrem para discutir a obra e acrescenta: “a diferença não deve excluir, mas, ao contrário, suscitar o diálogo”²⁰. E

15 « *O muro*, por Jean-Paul Sartre », em *Carrefour*, n° 4, junho-julho, 1939, pp. 85-86.

16 Publicadas principalmente em *Rencontres* (Paris, edições do Cerf, 1943) e em *Confluences*, n° 25, 1943, pp. 514-519. A primeira foi republicada na obra *L'Heure théâtrale*, pela editora Plon, em 1959, pp. 179-185.

17 « *O ser e o nada*, por Jean-Paul Sartre », em *Rencontres*, março-abril, 1944.

18 Gabriel Marcel, *Homo viator*: prolegômenos para uma filosofia da esperança (*Homo viator, Prolegomènes à une métaphysique de l'espérance*, Paris, Aubier, 1945).

19 Sartre o evoca em *Que é a literatura?* atacando-o de frente. Para Sartre, “o ‘intelectual’ está sempre do lado dos opressores. Como cão de guarda ou bobo da corte: cabe a ele escolher. O sr. Benda escolheu agitar os guizos; o sr. Marcel, rastejar no canil; estavam no seu direito.” (Em português: Ed. Ática, 2004, p. 118). No original: “un clerc est toujours du côté des oppresseurs. Chien de garde ou bouffon : à lui de choisir. M. Benda a choisi la marotte et M. Marcel la niche ; c'est leur droit” (*Qu'est-ce que la littérature ?*, Gallimard, 1948, p. 193).

20 BNF, Manuscrits, NAF 28405 (*Fundo Jean-Paul Sartre*). Carta de Gabriel Marcel a Jean-Paul Sartre, 1946.

**MARY, Anne. A relação entre Jean-Paul Sartre e Gabriel Marcel:
“O ponto de divergência é mesmo a questão de Deus”**

Tradução de Luíza Helena Hülger

aproveita para felicitá-lo pelos artigos sobre a dialética marxista publicados na revista *Tempos modernos* (*Les Temps modernes*).

A CARTA DE SARTRE A MARCEL EM 1943: POSIÇÕES DIFERENTES E DIÁLOGO

Nesta carta de 1943, enquanto suas relações são ainda cordiais, Sartre responde abertamente a uma carta de Gabriel Marcel sobre *O ser e o nada*, que acabara de ser publicado. Surpreendentemente, Sartre se refere a Gabriel Marcel pela expressão: “precursor do existencialismo francês”: ora, sabemos que os dois filósofos recusavam igualmente essa designação de existencialismo; Marcel, particularmente, recusava-se a ser encerrado em uma corrente. Quando muito, sugeriu que seu modo de pensar pudesse aparentar-se a um “neo-socratismo” ou a um “socratismo cristão”²¹. Sartre, na sua conferência *O existencialismo é um humanismo*, por fim aceita a denominação e distingue, por sua própria conta, duas correntes de uma filosofia existencialista, propagando, assim, a ideia de um movimento com “dois seguimentos”: “O que torna as coisas complicadas, é que há dois tipos de existencialistas: os primeiros, que são cristãos e, dentre os quais, eu colocaria Jaspers e Gabriel Marcel, de confissão católica; e, de outra parte, os existencialistas ateus, dentre os quais é preciso listar Heidegger, os existencialistas franceses e eu mesmo. O que todos têm em comum, é simplesmente o fato de que todos consideram que a existência precede a essência, ou, se preferir, que é preciso partir da subjetividade”²². Reconhecidamente, Gabriel Marcel emprega o termo “existencial” desde 1927 em seu *Diário metafísico*, mas resiste, em primeiro lugar, à moda dos “ismos”. Na esteira de Kierkegaard e de Jaspers, Gabriel Marcel foi o primeiro, na França, a interessar-se pela noção de existência e teorizá-la, em uma violenta rejeição ao idealismo. Na sua autobiografia *A caminho, para qual despertar? (En chemin vers quel éveil?)*, o autor reconstrói o nascimento do termo existencialismo apresentado no Congresso Internacional de Filosofia de Roma, em 1946: “Se há, da forma como a penso, uma filosofia da existência, não creio que ela possa tornar-se um *ismo* sem trair-se”²³.

Dentre os temas existenciais mais importantes desenvolvidos por Marcel, Sartre não pode ignorar os do “corpo” e da “incarnação”, a distinção (hoje tornada comum) entre “ser” e “ter”, a importância que ele confere à noção de “situação”, assim como a oposição entre “eu (je)” e “tu (tu)”. É a noção de “situação” que, segundo as próprias palavras de Sartre, exerce o mais forte impacto: “É ao ler as suas *Investigações* que compreendi, pela primeira vez, que ser, para o homem, é ser em situação e é isso que me permitiu pressentir, enfim, o que era a liberdade”²⁴. Distinta da acepção que tem em Heidegger, a situação é teorizada por Marcel em diferentes momentos, em artigos publicados na revista *Investigações filosóficas (Recherches philosophiques)* em 1932-1933 (*Situação fundamental e situação-limite em Karl Jaspers - Situation fondamentale et situation-limite chez Karl Jaspers*), depois em 1936-1937 (*Investigações fenomenológicas sobre o ser*

21 O emprego desses termos consta na Introdução de *O mistério do ser (Mystère de l'être)*, Paris, Aubier, 1951).

22 Jean-Paul Sartre, *L'existencialisme est un humanisme*, Paris, Nagel, 1970, p. 16-17.

23 Gabriel Marcel, *A caminho, para qual despertar? (En chemin, vers quel éveil?)*, Paris, Gallimard, 1971, p. 228-230), explica sobre essa ocasião que aceitou de modo reticente e graças aos conselhos do filósofo Louis Lavelle, que se intitulasse *Existencialismo cristão (Existentialisme chrétien)* um volume de estudos dedicado ao seu pensamento pela Editora Plon.

24 BNF, Manuscrits, NAF 28349. Carta de Jean-Paul Sartre a Gabriel Marcel, 1943.

**MARY, Anne. A relação entre Jean-Paul Sartre e Gabriel Marcel:
“O ponto de divergência é mesmo a questão de Deus”**

Tradução de Luíza Helena Hülger

em situação - Aperçus phénoménologiques sur l'être en situation). Esses dois textos, sem dúvida os que Sartre faz referência, são publicados no livro *Da recusa à invocação* (Gallimard, 1940).

Se Sartre pode apreciar a originalidade da filosofia marceliana nos anos 1930, a irreduzível contradição entre os dois filósofos eclodiu com a ideia de Deus. Lá onde Gabriel Marcel não pode admitir o mundo sem princípio espiritual, Sartre não vê com o mesmo olhar isso que nomeia como “a questão de Deus”. A carta de Marcel não chegou até nós, mas as objeções de Sartre, que notadamente retomam ponto por ponto as reprovações de Marcel, mostram que o filósofo cristão se apoiava, especialmente, sobre ilustres predecessores (Santo Agostinho, Maurice Blondel) para argumentar em favor da existência de um princípio transcendente necessário à compreensão do mundo. O que Sartre refuta ao explicitar sua própria concepção da transcendência, que não tem nada a ver com Deus: “Quanto à transcendência, isso significa para mim a necessidade existencial de ser lançado para fora de si em direção a um outro ser dado realmente (em ‘carne e osso’)”²⁵. Sartre retoma, outrossim, o argumento do progresso do espírito humano e se refere à fenomenologia como a um método particularmente eficaz para “desconstruir” a ideia de Deus: “Eu acredito em um progresso filosófico [...]. Esta técnica [a fenomenologia] aperfeiçoada por outros me dá uma superioridade que eu jamais teria alcançado sozinho sobre pensadores cem vezes maiores e mais profundos, mas menos bem armados”²⁶.

Outro ponto de divergência: a psicologia dos animais, de onde Gabriel Marcel utiliza o exemplo para apontar a falha da filosofia sartriana. Sartre cita, na carta, os filósofos e cientistas Jacques Loeb, Georges Bohn e John Watson, que se dedicaram a investigar a psicologia dos animais, para refutar seus métodos e distinguir sua própria atividade puramente filosófica e tendo como fonte o homem. Marcel evoca, muito mais tarde, nas entrevistas de Cerisy-la-Salle, de 1973, a objeção que ele, provavelmente, fez em sua carta a Sartre sobre a consciência dos animais: visivelmente Marcel sabe o argumento de cor, uma vez que o retoma trinta anos depois de sua discussão com Sartre. Para ele, “aqui, não estamos nem no em-si, nem no para-si, o que tende a provar, a [seus] olhos que a cisão foi mal feita”²⁷.

A análise de *O ser e o nada* que Gabriel Marcel realiza em sua carta a Sartre deveria aproximar-se, segundo a resposta de Sartre, ao artigo publicado também sobre esse tema, em 1944, que é incorporado no ano seguinte ao livro *Homo viator*. Neste texto, Marcel sublinha a importância da obra e saúda uma intuição central, particular, que não deve em nada a qualquer outro teórico, apesar da aparente influência de Heidegger sobre o jovem filósofo. Para Marcel, a originalidade de Sartre reside na distinção entre ser-em-si e ser-para-si. A análise da má-fé lhe parece especialmente “um dos capítulos mais memoráveis” da obra. Marcel, contudo, critica Sartre por situar-se sempre do ponto de vista do “*cogito*” e, além disso, a máxima “estamos condenados à liberdade” o incomoda particularmente. Marcel o reprova por excessivo materialismo: “A mais grave questão colocada pela obra é, portanto, em realidade, a de saber como fazer-se somente a partir de premissas que em outra época seriam chamadas de idealistas. O Sr. Sartre chega a consequências que um materialista não desabonaria”²⁸. Marcel interroga-se sobre a ausência de transcendência em Sartre e considera que, como Nietzsche, ele “se encerra no círculo estreito da imanência”²⁹: a concepção de transcendência que Sartre defende na sua carta se opõe de maneira radical à de Marcel. A crítica de Marcel se revela demasiado ambígua: sublinha algumas passagens “admiráveis”, se pergunta se essa obra de Sartre “não é a contribuição mais considerável para a filosofia geral trazida

25 BNF, Manuscrits, NAF 28349. Carta de Jean-Paul Sartre a Gabriel Marcel, 1943.

26 BNF, Manuscrits, NAF 28349. Carta de Jean-Paul Sartre a Gabriel Marcel, 1943.

27 *Entretiens autour de Gabriel Marcel*, Neuchâtel, éditions de la Baconnière, 1976, p. 10-11.

28 Gabriel Marcel, *Homo viator*, *op. cit.*, p. 236

29 *Ibid.*, p. 242.

**MARY, Anne. A relação entre Jean-Paul Sartre e Gabriel Marcel:
“O ponto de divergência é mesmo a questão de Deus”**

Tradução de Luíza Helena Hilgert

pela geração de ‘menos de quarenta anos’³⁰; ao mesmo tempo em que denuncia um pensamento que considera por vezes absurdo e contraditório.

O PÓS-GUERRA: O ENFRAQUECIMENTO DA RELAÇÃO

Em 1946, Gabriel Marcel escreve um novo texto sobre “A existência e a liberdade humana em Jean-Paul Sartre”³¹: inicialmente, trata-se de uma conferência pronunciada no centro de cultura da *Amitié française*, publicada em um compêndio coletivo, *Grandes apelos do homem contemporâneo (Les Grands Appels de l’homme contemporain)*³². É deste período que data, segundo Marcel, a degradação da relação entre ambos, opinião corroborada por Maurice Gandillac em seu livro de memórias, *Le siècle traversé*³³. De fato, desde novembro de 1945, Gabriel Marcel aponta os temas de maior desacordo com Sartre: o “ressentimento” que o jovem Sartre parece experimentar contra a burguesia, sua oposição ao espírito de análise, sua interpretação da noção de situação... tantos tópicos de divergência entre os dois³⁴. Na conferência de 1946, Gabriel Marcel analisa ainda a obra sartriana e declara que a liberdade humana, tal como considerada por Sartre, é “uma interpretação degradada da liberdade que, bem longe de ser uma insuficiência, é e se quer conquista”³⁵. Ali, Marcel desenvolve sua oposição a Sartre sobretudo a partir de *A náusea, O ser e o nada* e *Os caminhos da liberdade*. Marcel não dissimula, porém, sua admiração diante da inteligência do jovem: “Aqui eu reproduzo uma destas análises concretas em que o autor se destaca – análise, na minha opinião, em toda a primeira parte, admirável sob todos os aspectos”³⁶. Marcel reprova, no entanto, que Sartre desconheça a verdadeira relação com o outro e que não se dá conta que sob um aspecto negativo: “Nisso que concerne ao nós-sujeito autêntico, o de amor ou de amizade, é preciso confessar que o pensamento de Sartre se revela radicalmente agnóstico, até niilista”³⁷. A relação com o outro ocupa um lugar central no pensamento de Marcel, que insiste mais na importância da intersubjetividade que no seu fracasso.

A concepção sartriana da liberdade parece mostrar-se, segundo Marcel, como um niilismo: “A liberdade para Sartre é falta, como a consciência ela mesma também o é: ela é verdadeiramente uma falha e é somente por um tipo de paralogismo que ele poderá esforçar-se, em seguida, em fazer aparecer esta pura falha como uma condição positiva de aparição de um mundo, isto é, em resumo, para conferir-lhe um valor criador”³⁸. Assim, se Sartre se refere, na carta de 1943, à noção de situação em Marcel, que lhe teria permitido “pressentir, enfim, o que era a liberdade”, a concepção de liberdade a qual ele chega não corresponde em nada àquela projetada por seu predecessor. Dessa forma, ao passo que Sartre liga

30 *Ibid.*, p. 221.

31 Publicado pela editora Vrin depois da morte do autor, em 1981, com o Prefácio de Denis Huisman.

32 Paris, Temps présent, 1947.

33 Maurice de Gandillac, *Le Siècle traversé. Souvenirs de neuf décennies*, op. cit., p. 278.

34 Gabriel Marcel, « Le phénomène Sartre », em *Temps présent*, 9 de novembro de 1945, p. 5.

35 *Entretiens autour de Gabriel Marcel*, op. cit., p. 10-11.

36 *L’Existence et la liberté humaine chez Jean-Paul Sartre*, Paris, Vrin, 1981, p. 53.

37 *Ibid.*, p. 69.

38 *Ibid.*, p. 75

**MARY, Anne. A relação entre Jean-Paul Sartre e Gabriel Marcel:
“O ponto de divergência é mesmo a questão de Deus”**

Tradução de Luíza Helena Hülger

situação e história e se declara adepto de um teatro histórico³⁹, Marcel parte da mesma noção de situação para incorporá-la a de encarnação e preconizar, desde seu Prefácio a *O limiar invisível*, em 1914, a situação dos personagens de teatro no mundo contemporâneo: considera preferível que a ação se passe próxima ao público sem obrigá-lo a um esforço de pensamento adicional⁴⁰. Marcel defende a reconciliação com o concreto, aprecia pouco o teatro histórico, considerado frequentemente artificial. Do interesse comum pela noção de situação nascem duas concepções radicalmente diferentes de sua interpretação. A carta de Sartre a Marcel testemunha uma época em que o tratamento entre os dois filósofos era cordial, sem ser, todavia, amigável. Três anos mais tarde, o tom não é mais o mesmo e se Sartre cita Marcel na obra *O existencialismo é um humanismo*, não utiliza mais o tom de “simpática deferência” como havia feito anteriormente. Da parte de Marcel, as críticas se tornam mais numerosas e mais acirradas conforme se amplia o que ele chamou de “o fenômeno Sartre”. Não há mais traços de discussões filosóficas entre os dois depois de 1946, seus círculos de amizade e filosófico se tornam claramente distintos. A tentativa de diálogo proposta por Sartre em 1943 (“Evidentemente, seria necessário que pudéssemos conversar pessoalmente sobre tudo isso. Realmente espero, caro senhor, que encontre a oportunidade de passar por perto de Paris e lhe peço que me avise, caso não esteja demasiado ocupado”), assim como o chamado feito por Marcel em 1946, fracassam.

39 Jean-Paul Sartre, *Um teatro de situações (Un théâtre de situations)*, Paris, Gallimard, 1973, p. 251: “Dessa forma, sou plenamente favorável a um teatro histórico. Entendo por isso não somente que uma distância temporal separa a situação narrada do autor e do espectador, mas, sobretudo, que a obra comporta um tipo de ação, de causalidade, de pressão social, de construção, que apela a um certo sistema de julgamento”.

40 G. Marcel, Prefácio a *O limiar invisível (Seuil invisible)*, Paris, Grasset, 1914, p. 3 : “[...] o trágico do pensamento somente pode produzir-se [...] entre personagens de carne e osso, vivos da mesma vida que todos nós, participando das mesmas falhas e das mesmas paixões”.